

VILÉM FLUSSER

Procurarei expor aos senhores, nesta última das nossas reuniões, as fontes que são responsáveis pelo argumento que desenvolvi neste curso. Obviamente, te poderei indicar apenas aquelas influências das quais estou plenamente consciente. Se teve alguma razão com as minhas afirmativas, é o pensamento resultado de influências profundas, inconscientes ou semi-conscientes em sua maioria. Essas influências são mitos, e é dever do pensamento refletivo procurar tornar conscientes esses mitos. E é o que tentamos fazer no curso destas aulas. O que farei hoje é traçar um círculo que acompanhe o meu argumento daquela maneira como creio ter-se ele desenvolvido.

Um dos fundamentos de atitude que defendi perante os senhores é a influência ambivalente que exerce o pensamento cartesiano. Uma das coisas que mais me perturbam nesse pensamento é o conceito da percepção clara e distinta. Peço que me acompanhem por um instante nessa tentativa de repensar a posição cartesiana. Descartes escolhe, num momento de decisão existencial, de duvidar de tudo. É óbvio que posso duvidar dos dados que os sentidos me fornecem. Sei de experiência que as vezes me enganam. Mas como posso duvidar de algo como é o juízo "dois mais dois são quatro"? Aparentemente, não posso. Mas, diz Descartes, posso presumir que um demônio diabólico organizou a minha mente de tal maneira que esta não pode duvidar desse juízo, embora seja falso. Posso supor que dois mais dois são cinco, e que é culpa do diabo que penso diferentemente. Este argumento cartesiano me parece terrivelmente difícil de ser acompanhado. Mas, aceitemo-lo para o momento. Mas, continua Descartes, não posso, de maneira alguma, duvidar que duvido agora deste juízo. Porque se quizesse duvidar que duvido, estaria duvidando. A dúvida é portanto indubitável. Disso Descartes conclui que sou, já que duvido, isto é, penso. Uma conclusão que igualmente considero precipitada. O que o argumento prova é a existência da dúvida, mas jamais de um eu que duvida. Mas passemos por cima. Estabelecida a existência do eu, passa Descartes a provar a existência de Deus. Não acompanharei o seu argumento, mas perguntarei porque Descartes procede desta maneira. Porque diz que precisa da ajuda de Deus para adequar o seu pensamento ao mundo que o cerca. A prova da existência desse mundo depende portanto da prova da existência de Deus. Mais uma etapa do pensamento cartesiano que me parece estar cheia de dificuldades. Descartes procede dizendo que o mundo que me cerca são coisas extensas. Que definição curiosa de essas coisas extensas? Porque não coisas concretas, ou coisas materiais, ou coisas sensíveis? A explicação da definição curiosa que Descartes dá as coisas aponta, conforme creio, o próprio fundamento do pensamento cartesiano. Descartes cre que podemos ter conhecimento válido do mundo apenas pela percepção clara e distinta. Mas que é que percebemos claramente e distintamente? Nunca fenômenos, mas apenas ideias. Nunca percebemos claramente e distintamente um triângulo traçado a lapis. Apenas o triângulo geométrico, o lado do triângulo traçado, é percebido claramente e distintamente. Com efeito, a geometria é a disciplina da percepção clara e distinta. E é por causa disto que o mundo deve consistir de coisas extensas, isto é de coisas geométricamente concebíveis. As coisas cartesianas não são, no fundo, coisas no conceito comum desse termo, mas são pedaços de espaço. Não é portanto acaso nenhum que Descartes é o criador da geometria analítica, mas, pelo contrário, esta sua atividade é parte integral da sua filosofia. É esta sua opinião tem consequências absurdas. Já que o mundo não passa de geometria aplicada, e ele uma espécie de máquina automática, e tudo nele são máquinas, inclusive os animais tão semelhantes ao homem. Mas o método cartesiano provou que o homem não é uma coisa extensa, mas uma coisa pensante. Como se enquadra portanto o homem nesse mundo da geometria? Pela glândula pineal, responde Descartes, porque esta é o único órgão assimétrico no corpo humano. Reparar na argumentação geométrica que informa a tese cartesiana que essa glândula é a sede do pensamento.

O que me inquieta é o fato que um pensador tão rigoroso e honesto como Descartes pode ter nutrido uma crença tão obviamente absurda, para não dizer bobagem. Como um gênio do seu calibre pode ter por exemplo ignorado o fato que animais têm também glândulas pineais nos seus corpos. É que o pensamento cartesiano, com toda a sua dúvida metódica e aparentemente radical, é vítima de toda uma série de mitos inconscientes. É o mito do diabo, é o mito do eu, é o mito de Deus, é o mito da percepção clara e distinta, para dar uns poucos

VILÉM FLUSSER

exemplos.

Pois bem, o pensamento cartesiano, tão obviamente viciado de um ponto de vista cartesiano e, como sabemos, o fundamento do pensamento moderno. A nossa cosmovisão, o nosso clima existencial, a nossa ciência e tecnologia, são conseqüências diretas do pensamento cartesiano. Tudo isto é portanto, ab ovo, viciado pelos defeitos que Descartes esconde. Nunca pude me conformar com este fato. Isto criou em mim não somente uma profunda desconfiança no método cartesiano, mas igualmente naquele ideal da percepção clara e distinta que me parece ser o mito mais necessitado de esclarecimento. Os mitos do diabo, de Deus e do eu estão, como se diz, na cara. Embora estes também mereçam meditações profundas. Mas o mito da clareza e distinção, este me parece ser o menos claro e distinto. Desde muito cedo senti que atrás desse mito se esconde toda uma tradição que passa por Platão e pelos orfícios para perder-se nas brumas de um passado inimaginavelmente remoto. Toda essa tendência para explicar o mundo matematicamente é consequência de uma tradição mítica impenetrável.

A tentativa de repensar Descartes me fez perder a fé na dúvida portanto. Mas é óbvio que a leitura de Descartes contribuiu para fazer-me perder a fé sensu stricto. Diversos autores se ofereciam como saídas dessa minha situação um tanto desesperada. Mencionarei alguns entre eles de passagem. Tomem por exemplo Dilthey. Para ele o problema se resume na historicidade do pensamento. Nós pensamos o que pensamos porque somos os produtos finais, mas efêmeros, de um processo. O nosso mundo é como é, porque o nosso pensamento o assim está belece. Isto explicaria Descartes a mil maravilhas. O seu pensamento seria o resultado de um processo histórico, e agora ele faz parte do nosso próprio pensamento, porque nos antecede historicamente. Mas me parece óbvio que a posição diltheyana, se for verdadeira, não pode ser verdadeira. É uma típica posição daquelas que se refutam automaticamente. Se Dilthey tem razão, ele está em nós, mas já de maneira superada. A sua explicação da posição cartesiana é uma explicação superada. Não serve. Como outro exemplo darei a posição bergsoniana, porque me parece reunir tanto Nietzsche como o pragmatismo. De acordo com essa filosofia, se a entendi direito, é a força da vida o fundamento da realidade. Essa força da vida produz a intuição e a inteligência racionalizante. Descartes seria um exemplo da inteligência, que vê no mundo apenas geometria. Daí o termo "razão", de "ratio", isto é pedaço de espaço. Mas é óbvio que o próprio Bergson é um produto do sistema cartesiano. O que é essa sua força vital, senão a coisa pensante extrapolada para traz das coisas extensas? É a intuição bergsoniana, por incrível que pareça, não é outra coisa a não ser uma percepção clara e distinta um pouco disfarçada. Bergson não elimina os vícios cartesianos, mas consegue apenas embarralharlos. E isto se aplica a todo pensamento vitalista e pragmatista. Por fim darei o exemplo do marxismo. Para este pensamento o indubitável são as coisas extensas. A coisa pensante é apenas uma antítese das coisas extensas, essa antítese surgiu por assim dizer por fissão das coisas extensas. Há uma interação progressiva entre coisa extensa e coisa pensante, de maneira que a coisa extensa se torne progressivamente mais pensada. Em outras palavras, a coisa extensa se torna sempre mais clara e distinta. O marxismo me parece ser, deste ponto de vista, produto de uma dúvida cartesiana insuficientemente penetrante. Longe de superar Descartes, é o marxismo superado por ele. O marxismo prova portanto que pode haver uma dialética em sentido inverso. Marx é uma das teses das quais a síntese é o cartesianismo. Mas, sem brincadeira, o marxismo conserva em seu seio todos os mitos cartesianos, e ainda lhe acrescenta outros. Não serviu para dissolver a angústia que Descartes me tinha causado. Estes exemplos, e muito outros que poderia ter mencionado, provaram de maneira convincente para mim, que todo pensamento é fundamentalmente e inevitavelmente informado por mitos. O próprio esforço do pensamento de libertar-se desses mitos é a realização de um mito. Quanto maior o brado de antimitológização de um pensador, tanto maior a minha certeza de ser dele vítima de um mito. É portanto melhor, a meu ver, admitir esse fato e tentar viver com ele. Pois bem, os mitos se manifestam de duas maneiras. Informam o pensamento, e dão estrutura ao mundo que nos cerca. Há portanto duas maneiras de aproximar-se do mito, a introspectiva, e a extrospectiva.

VILÉM FLUSSER

Sou, eu próprio, vítima do mito da percepção clara e distinta. Detesto portan-
to visceralmente a introspecção nebulosa. Creio que tende rapidamente a degenerar
em conversa fiada. Mas, felizmente, existe um método rigoroso, que é a
um tempo introspectivo e extrospectivo. É a análise da língua. Fiquei portan-
to convencido de que é na análise da língua que poderemos descobrir os mitos
que regem o pensamento, muito antes de ter conhecimento das análises linguísti-
cas empreendidas pelos ingleses e pelo círculo de Viena. Estava convencido, co-
mo ainda o estou, de que uma análise tanto das palavras como das regras que go-
vernem a frase poderá trazer a tona tudo aquilo que acompanha o pensamento con-
sciente de maneira surda. Mas embora tenha eu encontrado, espalhadas por en-
tre muitos filósofos e poetas, referências vagas e nebulosas aos aspectos reve-
ladores da língua, não tive a sorte de encontrar um único estudo serio e siste-
mático na direção por mim vislumbrada. Muitas vezes filósofos parecem prontos
a fazer essa tarefa que me parece indispensável. Já no Crátilo encontram-se re-
ferências neste sentido. Na idade média é Lullio que parece quase pronto para
uma análise da língua. É para mim incrível que Kant não a tenha feito. Há a
figura isolada do humanista tcheco Komenský, que escreveu "Janua linguarum re-
serata" (a porta aberta das línguas), mas trata-se apenas de uma gramática com
parada com leves toques de filosofia. Também os enciclopedistas, com o seu de-
sejo de definir termos, parecem ter vislumbrado a meta, embora de longe. De
resto, existem filosofias da língua aos montes, mas tratam da língua como fenô-
meno social, mas não como pensamento tornado palpável.

Nessa situação encontrei os logicistas ingleses e os neo-positivistas. Era um
encontro violento, que me proporcionou simultaneamente entusiasmo e decepção
profunda. Entusiasmo, porque espíritos profundos e rigorosos debatiam-se com o
problema da estrutura da língua, e estavam plenamente conscientes que se trata
do problema central da filosofia. Decepção profunda, porque esses estudos se
aproximavam do problema da língua com um espírito completamente diferente do
meu. Eram esses linguístas, com efeito, cartesianos. Partiram, todos ou qua-
se todos, da matemática, e, tendo passado pela lógica, procuravam aplicar as
suas experiências no campo da língua. O resultado, embora previsível, era a
razador para a língua. A velha distinção entre juízos verdadeiros e falsos
caiu por terra. O que ficou foram juízos tautológicos e ruídos sem significa-
do. A língua foi desvendada, nesses estudos, como um tedioso ídem per ídem,
ou como o grunhir de um porco. Como era possível um resultado tão terrível, es-
pecialmente para quem como eu identifica língua com pensamento?

A explicação reside nas limitações dos analisadores. Eram, em quase totalidade
pessoas isentas de toda compreensão pela beleza da língua, pela enorme maleabi-
lidade da língua, e pelo aspecto mítico, portanto religioso da língua. Despida
desses aspectos é a língua realmente tautológica, como é tautológico e nojento
o pensamento, se despido dos seus aspectos estéticos e religiosos. Uma única
excepção vislumbrei entre esses analisadores. É a figura de Wittgenstein, paté-
ticamente isolada. Chega ao resultado idêntico de um Russel, um Ayer, um Car-
nap, pelo menos nas linhas mestras. Mas não foge da conclusão existencial, e
procura honestamente nadar em si todo pensamento. Sentí quão próximo era Witt-
genstein daquilo que eu procurava, e simultaneamente senti, como estava ele en-
ganado. Devo confessar que Wittgenstein representa para mim a maior influência
portanto também sobre o curso deste argumento. Desafiado por ele, estou tentan-
do descobrir os mitos no pensamento pelo seu método so-it-disant introspectivo
da análise da língua.

Mas existe o outro método, o método da análise metódica do mundo que nos cer-
ca. Também essa análise deve descobrir, se bem sucedida, os mitos que estabe-
leceram aquilo que chamamos de "realidade externa". Para esse tipo de análise
é óbvio que a ciência não serve. A ciência se diz análise objetiva da realida-
de, mas é claro que ela é tudo menos isto. Ela é uma consequência do pensamen-
to cartesiano, e a "realidade" que estuda é aquela que tem sido estabelecida pe-
los mitos que Descartes articulava. Uma primeira tentativa de analisar o mundo
da maneira menos pre-conceituada possível é a fenomenologia. É por isto que
Husserl insistia ser ela um método a ser aplicado antes de toda ciência, ser-
vindo de base para ela. Mas a mim me parece que Husserl é apenas um precursor,
embora poderoso. Os instrumentos mais afiados dos quais dispomos atualmente
para analisar a nossa circunstância são aqueles fornecidos pelo existencialismo.

VILÉM FLUSSER

Não é o propósito desta aula dar-lhes uma ideia do pensamento existencial, e creio que os senhores notaram quantas vezes recorri à sua terminologia. Não preciso portanto dizer o quanto foi influenciado neste curso pelo pensamento de Heidegger, de Camus, de Jaspers e de Sartre. Mas também o existencialismo me deixou profundamente insatisfeito. Não tanto pelas conclusões, com as quais tendo a concordar em alta medida. Mas pelas limitações que adorem a esse tipo de filosofia. Há um elemento anti-intelectual nessa maneira de pensar, e uma insistência sobre a vivência imediata em detrimento do pensamento. Os existencialistas são, queiram ou não, descendentes de Nietzsche. Os meus argumentos contra Bergson são válidos, de certa forma, também contra eles. O que me causa horror e medo, é a sua insistência sobre a ação, e a servidão que recomendam ao recomendar o empenho. Não posso deixar de admirar, no entanto, a coragem de uns e a honestidade de outros. Penso em Jaspers como exemplo de coragem, e em Camus como exemplo de honestidade. O pensamento existencial é portanto um elemento deste curso que não foi inteiramente digerido. Ainda me debato com ele.

Isto quanto a base do meu argumento. Muitas foram as influencias tributárias que ele recebeu. Devo a exposição da história do Ocidente em grande parte a Toynbe. A ideia dos conceitos básicos que regem o pensamento ocidental é de Misch, o diltheyano, embora tenha eu mudado inteiramente a sua ordem de pensamento. Na exposição do pensamento judeu segui em parte Buber. Quando expôs o pensamento grego, foi em Gigon que me baseiei, mas mais para contradizê-lo. Na exposição do pensamento latino segui, vagamente, o meu professor de latim em Praga, prof. Thieberger, um pensador profundo, que infelizmente morreu sem jamais ter escrito nada de importante. Era demasiado modesto. Quando procurei analisar o pensamento germânico, baseiei-me sobre os conceitos que informam Hegel, Schopenhauer, Kierkegaard, James e Nietzsche. Aliás, fez referências explícitas e esses autores. Somente a minha análise do pensamento eslavo era autenticamente minha.

Embora tenha uma profunda aversão a Jung, e embora o considere uma pessoa perigosa e desonesta, não posso negar que a sua leitura abriu para mim horizontes novos. A sua mistura terrível de ciência, filosofia e religião me parece ser inteiramente nefasta, mas não duvido que ele é responsável por um passo decisivo em direção de um novo conhecimento. É, infelizmente, impossível de ignorá-lo. Num outro nível de significado, num nível digamos histórico-social, ao em vez de histórico-psicológico, fui influenciado por Huizinga, cuja leitura a todos recomendo. É um pensador que abre novas perspectivas em toda página de todo livro. Procurei unir os seus ensinamentos com aqueles de Otto, os quais são aparentemente inteiramente estranhos aos problemas de Huizinga, mas que se fundiram em minha mente. Creio que Otto, especialmente em sua Theofania, é uma introdução ao "homo ludens". Devo ainda confessar o meu amor infeliz pela biologia. Quando lhes expuz a minha opinião da ciência, fiz referência explícita mais a física e a astronomia. Baseei-me, nisto, sobre Schroedinger, Heisenberg, e o livro de introdução de Einstein e Infeld. Mas a biologia estava sempre no fundo da minha mente. Devo livros de biologia, e não lhes posso portanto citar autores preferidos. Menciono somente de passagem nomes como Julian Huxley, Lorentz, Arber, Remane, Bujednyk, e Tienemann. O lugar especial deve ser reservado, neste contexto, a Teilhard de Chardin, cujo fenomeno humano me parece de uma importância muito grande para o pensamento futuro.

Quero mencionar ainda tres nomes. O primeiro é de Kerenyi. Toda ideia deste curso foi inspirada por ele. Foi ele que me ensinou que uma teoria dos mitos é uma disciplina rigorosamente intelectual, sem por isso trair a sacralidade do mito. O segundo nome é Romano Guardini. O seu livro sobre Socrates é para mim um paradigma de exatidão e intuição, de rigor e de poesia. O terceiro nome é Oppenheimer. O seu livro para filosófico pode não ter grande valor em si, mas demonstra vivencialmente a falência da ciência como substituição de uma religião e portanto a crise na qual nos encontramos.

Finalmente devo confessar que autores geralmente não considerados como filósofos tiveram grande influencia sobre este curso. Em primeiro lugar escritores como Kafka, poetas como Rilke, e, por contacto pessoal, Guimarães Rosa. Em segundo lugar autores exóticos como Vivekananda, Aurobindo, e Suzuki. E, finalmente, era esse curso uma tentativa de argumentar, com violência, contra Vicente Ferreira da Silva.

VILÉM FLUSSER

Esta aula valeu portanto como uma espécie de bibliografia. Agradeço ao senhor Karmann de te-la sugerido. Como vêm os senhores, tinha este curso muito pouco de meu. A não ser talvez a tentativa de reunir influências aparentemente alheias. Talvez, no entanto, horror ao eclectismo. Os senhores julgarão se consigo evita-lo.

Permitam que encerre o meu argumento com um agradecimento da sua paciência e perseverança. Foi para mim um prazer e uma honra de ter-lhes podido falar com a mente e o coração aberto. Peço que me desculpem meus exageros, e minhas violências às vezes mal aplicadas. São atitudes pouco filosóficas, e sei disto. Espero que dentre dos muitos disparates que teve a coragem de lhes propôr, algumas poucas ideias restarão a serem aproveitadas pelos senhores. Se posso salienter uma que me é especialmente cara, seria esta: O futuro da nossa civilização é sombrio. Mas depende de nós esse futuro.